



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE -UFS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - POSGRAP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - NPGEO



“30 ANOS DE CONTRIBUIÇÃO À GEOGRAFIA”

São Cristóvão, 29 e 30 de Agosto de 2013.

**A INDÚSTRIA DE CERÂMICA VERMELHA E O DISCURSO DA
SUSTENTABILIDADE**

Jonas Almeida de Jesus

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Federal de Sergipe.
E-mail: jonasalgeo@yahoo.com.br

Ana Rocha dos Santos

Orientador e professor do Departamento de Geografia – Campus Alberto Carvalho – UFS.
Grupo de Pesquisa Relação Sociedade-natureza e produção do espaço geográfico
E-mail: ana.rochaufs@gmail.com

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de dissertação de Mestrado que está encaminhando para o seu encerramento e tem como objetivo analisar a espacialização da atividade industrial de cerâmicas vermelhas nos municípios de Areia Branca, Campo do Brito e Itabaiana no estado de Sergipe, onde são produzidos tijolos, blocos e telhas, amplamente empregadas na construção civil. De modo especial, dar-se-á atenção às relações de trabalho, aos rebatimentos ambientais e ao caráter do Estado na regulamentação desta atividade, utilizando como princípio que justifique tal exploração o discurso da sustentabilidade.

Na busca de compreender as contradições do espaço geográfico, onde se encontram inseridas a simbiose Estado/capital e trabalho, a pesquisa foi desenvolvida buscando-se uma análise crítica sobre a produção da cerâmica vermelha a fim de compreender a complexa teia de relações que define a espacialidade desta atividade. O uso do método materialista histórico-dialético foi aplicado, pois este valoriza o papel das relações de produção, como também os conflitos latentes entre sujeitos sociais e agentes do capital envolvidos nesta produção econômica, possibilitando uma compreensão da realidade concreta como produto de múltiplas determinações.

Para dar conta da pesquisa, foi o realizado procedimento metodológico de discussão teórica a partir de livros, artigos, dissertações e textos visando fundamentar a construção do trabalho e possibilitando maior esclarecimento das questões levantadas. Foram feitas

pesquisas documentais, com o intuito de compreender como se deu a espacialização das cerâmicas no território. Além da realização de trabalho de campo, com a utilização de entrevistas gravadas e escritas entre os trabalhadores sobre as suas condições de trabalho nas indústrias de produção de cerâmicas e uma análise qualitativa, a partir de visitas aos órgãos que representam o Estado, tais como: Prefeitura Municipal, Adema, IBAMA, buscando contato com diferentes atores sociais que estão envolvidos no processo. A intenção foi reconhecer formas de intervenção do Estado em relação à atuação das indústrias.

O segmento industrial da cerâmica vermelha faz parte do conjunto de cadeias produtivas que compõem o complexo da construção civil, em expansão nos últimos anos, e que se propõe propiciar, entre outros benefícios, a geração de emprego e renda, a capacitação tecnológica e o desenvolvimento do setor produtivo nacional, para fazer frente ao quadro atual da crise do capitalismo.

Neste sentido nota-se o crescimento da indústria de construção civil como uma saída para minimizar os rebatimentos da crise do capital, sendo o Estado a instituição que tem elaborado políticas públicas de desenvolvimento, como a criação de projetos de moradia em parceria com entidades financiadoras.

O Estado não pode ser entendido como agente neutro, mas como conservador de uma estrutura que garante a dominação de uma classe sobre outra. Como afirma Fernandes (1979), o Estado tem criado espaço ecológico, econômico, social, cultural e político para a iniciativa privada, privilegiando uma minoria que encara a si própria e a seus interesses como se a Nação real começasse e terminasse nela.

O desenvolvimento da atividade ceramista é considerado de elevado esforço físico, as indústrias empregam uma média de trinta a quarenta trabalhadores, que distribuídos em funções diferenciadas são obrigados pelo proprietário a alcançarem uma meta de produção que pode chegar a cem mil blocos por dia. Nesta atividade, o trabalhador é apenas uma mercadoria que luta para se manter no emprego em troca de salário.

O trabalhador, desprovido dos meios de produção, resta-lhe apenas obedecer e cumprir o desejo de seu patrão. Conforme Antunes (2004, p.181), “o seu trabalho não é, portanto voluntário, mas forçado, trabalho obrigatório. O trabalho não é a satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer carências fora dele”.

Com a intenção de ampliar as formas de extração da mais-valia, vários são os mecanismos criados pelos proprietários dos meios de produção para roubar o tempo do trabalhador, como máquinas programadas para não pararem, ponto eletrônico, horas extras não pagas, etc. Se fossem computados em um ano os minutos dos horários de almoço, de

entrada e saída do trabalho, ficaria claro um bom quantitativo de horas roubadas do trabalhador, e que nunca serão compensadas. Como afirma Marx (2011, p. 272),

Na história da produção capitalista, o embate entre a classe capitalista e a classe trabalhadora em torno da jornada de trabalho é uma questão marcante. O trabalhador luta para limitar a jornada de trabalho, enquanto o capitalista, como comprador, procura prolongar o mais possível a jornada de trabalho.

Na outra ponta de exploração pelo capital, está a natureza, condição e potencial do processo de produção do sistema capitalista, que apresenta um grau de devastação que ameaça a sobrevivência do próprio homem já que este é parte da natureza.

A indústria de cerâmica vermelha imprime inúmeros impactos ao meio ambiente por utilizar como recursos essenciais a argila, a madeira, a água, e nesse processo de exploração e elaboração das cerâmicas, acaba gerando também resíduos, como a emissão de poluentes e o possível esgotamento de recursos pelo uso indiscriminado.

Diante do exposto, nota-se que para as tensões entre capital, trabalho e natureza, as soluções para estes conflitos são sempre resolvidas em favor do capital, por isso, os limites dos desequilíbrios ambientais e do crescimento econômico encontrarão no discurso da sustentabilidade o equilíbrio perfeito entre o avanço do desenvolvimento econômico e o reconhecimento da natureza como condição e potencial do processo de produção.

Mas diante de realidade demasiadamente perversa, acreditar que é possível encontrar sustentabilidade na proposta de desenvolvimento para o mundo na atualidade fica cada vez mais distante de se tornar realidade, quando o que os mais ricos desejam é salvar seu sistema financeiro, mesmo que para isso destruam a base de geração de sua riqueza – natureza e trabalhadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **A Dialética do Trabalho**.. São Paulo: Ed. Expressão Popular. 2004.

FERNANDES, Florestan. **Mudanças Sociais no Brasil**: aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira.. São Paulo: DIFEL – Difusão Editorial. Rio de Janeiro, 1979.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política: livro I 28 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Tradução: Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo. Boitempo, 2002.

Eixo de Inscrição: Análise Regional